

UMA ANÁLISE SOBRE O CONSUMO ATUAL DE DROGAS

AN ANALYSIS ABOUT THE NOWADAYS DRUG CONSUMPTION

Lucia Arrais Morales¹

RESUMO: O artigo analisa algumas das características atuais do consumo de drogas. Duas fontes de dados são usadas: entrevistas realizadas, entre 2005 e 2008, com dependentes químicos e dois relatos sobre a questão das drogas, publicados pelo mercado editorial (*Paraísos Artificiais* de Charles Baudelaire e *A última Casa de Ópio* de Nick Tosches). Dois conceitos são priorizados: tédio e insuficiência vexaminosa. Através deles, demonstra-se que a atual dinâmica do individualismo, centrada na produção contínua do desvalor ao passado e no impulso para uma competitividade triunfante, está empobrecendo a vida coletiva e fazendo expandir em larga escala o uso de substâncias psicoativas.

PALAVRAS-CHAVE: Tédio. Insuficiência Vexaminosa. Individualismo. Juventude.

ABSTRACT: The article analyses some characteristics of drug consumption at this moment. Two sources of data are used: interviews made, between 2005 and 2008, with addicts and two narratives about drugs, released by the published market (*Artificial Paradise* by Charles Baudelaire and *The Last Opium Dem* by Nick Tosches). Two concepts are prioritized: boredom and insufficiency vexatious. By them, the article shows that nowadays capitalism dynamic, centred in the continuous production of past devaluation and in the impulse toward a triumphant competitiveness, it is impoverishing collective life and it is spreading out on a large scale the use of psychoactive substances.

KEYWORDS: Boredom. Insufficiency vexatious. Individualism. Youth.

1 O ESPAÇO ENTRE A GUERRILHA E A DROGA

Em 1971, o jornalista americano Saul Landau e o diretor de fotografia Haskell Wexler estavam em Santiago aguardando uma entrevista com o presidente Salvador Allende. Naquele momento, tomaram conhecimento que um grupo de 70 prisioneiros políticos brasileiros estava recebendo asilo naquele país em troca da liberação do embaixador suíço Giovanni Erico Buch, seqüestrado com esse fim. Resolveram ir ao encontro dos recém-exilados e propuseram a realização de um documentário que recebeu o título “Brazil: a Report on Torture”.

Nele, há testemunhos de Frei Tito de Alencar Lima (dominicano que, em decorrência das brutalidades sofridas, suicidou-se em 1974 na França aos 28 anos), Maria Auxiliadora Lara Barcelos (acadêmica de medicina, severamente torturada, e

¹ Doutora em Antropologia Social - Museu Nacional/UFRJ; Professora de Antropologia - UNESP/Marília.

que também se matou em 1976 na Alemanha aos 31 anos), Jean Marc Van der Weid (ex-presidente da UNE) e Nancy Mangabeira Unger (irmã de Roberto Mangabeira Unger ex-ministro da Secretária de Assuntos Estratégicos do último governo Lula). Além da fala dos recém-exilados, há surpreendentes demonstrações das variadas formas de torturas sofridas. Causa pasmo o fato de que os próprios recém-exilados sirvam de modelos, e também organizem o cenário material (cordas, varas, paus, fios elétricos) para mostrar o *modus operandi* do terror. Serem os próprios protagonistas das demonstrações confere um peso pleno aos testemunhos: passaram pela terrível experiência, por isso seus discursos possuem incontestemente autoridade. Contudo, chama a atenção terem escolhido simular a realidade da tortura deixando para o segundo plano as conseqüências psicológicas que tais lembranças desencadeariam.

Tal sacrifício precisa ser entendido no quadro de referências nos quais esse coletivo opera. Tomar parte no documentário não era apenas uma oportunidade para ser ouvido e, portanto, denunciar à audiência americana as atrocidades em curso no Brasil onde os meios de comunicação estavam sob rigorosa censura. Contudo, mais importante do que isso: fazê-lo estava inscrito sob a perspectiva do combate; constituía um modo de ação.

Na abertura do documentário, um dos recém-exilados, não identificado, diz:

Nós sabemos que essa entrevista vai para o povo americano se não me engano de uma TV de São Francisco, correto? Então, queremos dizer que isso... nós damos essa entrevista e sentimos uma responsabilidade do povo americano frente ao povo brasileiro de fazer alguma coisa que melhore as condições do nosso povo. Se nós outros 70 estamos aqui é por uma questão de resistência física porque conseguimos sobreviver às torturas. E eu, por exemplo, sou um caso entre outros tantos companheiros e temos muitos companheiros que são mortos na prisão. A todo o momento são mortos e a cada vez a polícia mata mais pessoas, mata mais brasileiros; e cada vez a repressão se estende mais e prendendo pessoas inteiramente inocentes. E só queria dizer isso. Muito obrigado.

O documentário encerra com duas frases. Na primeira, lê-se: “as this film is released, Brazil’s military government continues to torture prisoners and to deny basic human rights”. Na segunda: “The United States government supplies more policy and military aid to Brazil than to any other Latin American country”.

É bom lembrar que um documentário é editado e, portanto, segue uma linha de pensamento de seus autores. Contudo, é necessário considerar que esse documentário tem um objetivo preciso: dar voz àqueles que a tiveram abolida à força. Todavia, não toca na principal causa de todos aqueles tenebrosos testemunhos ali apresentados: o projeto de consolidação do império americano no contexto da Guerra Fria. Como sinalizado acima, os Estados Unidos são evocados apenas duas vezes: na abertura e no encerramento do documentário. Entretanto, se na fala do recém-exilado, ele convoca o

“povo americano” para responsabilidades com a melhoria da vida do “povo brasileiro”, essa responsabilidade não necessariamente será entendida através dos termos do comunicado final: os financiadores de toda a tortura ali denunciada são os Estados Unidos cujo foco é um projeto imperialista.

Para os objetivos desse artigo, a questão central é o comprometimento de jovens no final dos anos 60 e parte dos 70 a projetos políticos que pretendiam viabilizar uma revolução socialista. Che Guevara era a grande referência e a palavra de ordem era: “luchar en vez de pleitear”.

As drogas, principalmente maconha e LSD, também tomavam lugar de destaque no cenário juvenil e eram pensadas enquanto elementos expansores da consciência. Com isso, argumentava-se a possibilidade de romper com o *status quo* uma vez que a ação dessas substâncias permitiria interromper conexões previamente estabelecidas. Ou seja, os arranjos políticos e sociais inevitavelmente restringem as possibilidades humanas. Ao modelar o sistema sensorial e perceptual de cada indivíduo, eles fecham caminhos para outras modalidades da experiência. A droga, portanto, causaria um choque nessas disposições e, com isso, permitiria ao indivíduo penetrar em outros domínios de sua consciência. Nesse sentido, as convenções correntes com as quais se organizava a vida familiar e pública seriam postas em questão. Portanto, as drogas nesse momento são pensadas enquanto uma via para o autoconhecimento, um recurso para não se restringir ao conhecido e um modo de contestar o estabelecido.

Os jovens guerrilheiros podem ter experimentado ou até usado, contudo a droga não era o seu foco. Além disso, e, sobretudo, sua situação de clandestinidade exigia um estado de alerta contínuo. Todavia, mesmo que eles a usassem, seu objetivo diário estava centrado na categoria luta, inspirada pelo materialismo histórico dialético. A maconha dificilmente se transformaria no objeto de suas preocupações. Portanto, uma dependência química teria muito menores chances de ocorrer. Os objetivos desses jovens eram muito mais amplos: imaginavam a possibilidade de que sua ação trouxesse sob a face da terra a justiça social. Acreditaram e, por isso, apostaram nessa direção.

Além de seu uso constante, as condições que possibilitam a dependência química, presentes nas entrevistas aqui apresentadas, são: redução de objetos de interesse e falta de participação em projetos de realização coletiva. Desse modo, dificilmente, jovens em militância política naquele momento (e também hoje) cobririam essas três condições. Isso não quer dizer que a militância política seja a resposta para o problema do consumo compulsivo de substâncias psicoativas. O que está em jogo é o engajamento em atividades cujo objetivo, desde sua origem até o seu final, seja a participação na construção de um bem coletivo. No uso de drogas, os indivíduos podem estar juntos, mas cada um fica em suas sensações particulares; em sua “viagem” pessoal. Nessa

situação, não há lugar para ações concatenadas visando uma realização comum. Cada um está consigo e “na sua”.

2 PREFIRO TODDY AO TÉDIO OU PREFIRO TÉDIO AO TODDY?

Diferentemente dos anos 60 e 70, nos anos 80 em diante a droga é pensada por outros caminhos. Não se trata mais de autoconhecimento produzido por estados alterados de consciência. A cocaína passa a se destacar, embora a maconha ainda permaneça como a droga de maior penetração entre os jovens. Wisnik (1988), inclusive, usa uma metáfora que situa a abrangência dessa substância face às outras: ela é a calça jeans das drogas. Todavia, o ponto principal é o hedonismo enquanto valor prevalente comandando a experiência e o uso de drogas.

Para fazer uma primeira aproximação com essa questão, a frase estampada na T-Shirt do cantor e compositor Cazuzo “prefiro toddy ao tédio”, serve de ponto de partida. As camisetas são objetos por excelência para demonstrar que idéias não andam por si mesmas pelas ruas. Elas são conduzidas por indivíduos que pertencem a grupos sociais organizados e específicos. Cazuzo, que teve uma presença e intervinha em questões de opinião pública, está falando para os jovens, sobretudo, os amantes de sua música que se identificam com projetos de vida fundados no ato de ser livre e no prazer. Ao envergar no peito a idéia “prefiro toddy ao tédio”, ele mostra que no exercício de sua liberdade de escolha há uma escala de prioridade. Nela, elege a busca de excitantes como solução para o tédio e, com isso, sugere a um coletivo um critério de ação para sair de um conjunto de sensações desagradáveis produzidas pela experiência do tédio.

Mas, e se a formulação for invertida: “prefiro tédio ao toddy”? Sem dúvida, isso altera a escala de prioridade e, conseqüentemente, o exercício da liberdade, expresso na opção em preterir o toddy. Por isso, cabe perguntar: quais as conseqüências dessa inversão para o entendimento do atual consumo de drogas?

O depoimento de Lucas, 26 anos, publicitário, há seis anos lutando por sua reabilitação, ilustra uma das notas centrais da experiência do tédio:

pra mim a pior coisa é me sentir entediado; na verdade é a coisa que eu tenho medo de sentir; no tédio cada segundo é uma eternidade e não consigo encontrar um grão de nada que me interesse; programo coisas, pode num funcionar... no tédio a gente fica cheio de nada.

Lucas descreve o desespero pelo temor ao tédio e sinaliza que aciona possíveis objetos de desejo para lhe gerar alguma calma. Ao mesmo tempo, usando um oxímoro, define de modo preciso que, nessas situações, se vive “cheio de nada”. A sensação

de vazio é experimentada como algo que preenche todo o indivíduo e sentir tédio é necessitar de um querer premente. Experimenta-se um fastio, uma monotonia, não se acha graça em nada, não se tem gosto com coisa alguma, sente-se farto.

O tédio, portanto, ao tocar na questão da vontade, sinaliza para sua ligação com a dimensão da liberdade humana. Se crônico, expressa um impedimento ao exercício de um pensamento e de uma ação livres, pois o indivíduo não consegue fazer uma escolha completa. Ao contrário, ela está sempre interrompida e, com isso, não tem alcance algum imediato. Por exemplo, se o indivíduo está entre as opções de estudar ou não estudar e escolhe a última, sua situação continua, pois a questão persiste: não estudar, mas para fazer o quê?

Saber o quê quer é ponto central na reabilitação de dependentes, pois sem isso não é possível reformular um projeto de vida. Se a memória diz respeito ao passado, a vontade engendra o futuro. Apenas a abstinência e o recordar não são condições suficientes para uma reabilitação. O indivíduo precisa reorientar sua atenção, empenho, esforços e pensamento em uma atividade que tenha significado para ele.

Os gregos produziram um termo para dar conta dessa experiência da escolha. Eles a chamaram de *pro-airesis* (ARENDT, 2000, p. 198). Para eles, a faculdade de escolher é a força propulsora da ação, mas é a razão que vai ponderar sobre os meios apropriados para atingir o objeto da vontade, pois não é suficiente dizer “eu quero”. É preciso saber como obtê-lo e se é viável fazê-lo. Por não estar preparada geneticamente para atuar no indivíduo, se faz necessário um aprendizado para “sentir vontade de”. Nesse sentido, pensar a questão da vontade exige obrigatoriamente não desligá-la da inerente historicidade do viver humano. Há, portanto, arranjos sociais, modos de vida coletivos para que a experiência da vontade seja vivida. A prudência, a sobriedade, a cautela e a moderação são valores aprendidos e postos em ação para evitar danos à sobrevivência e à saúde.

Na dependência química, a razão fica impedida do seu exercício e o indivíduo experimenta uma vontade imperiosa, fora do seu senhorio. A experiência definida como *fissura* é exemplar para essa questão. Os relatos que se seguem são ilustrativos: Pedro, 25 anos, graduando em História, afirmou:

fissura é pauleira, meu irmão. Ela vence. Uma vez eu tava em casa, um colega passou e me chamou pra dar umas voltas. Eu já tava um ano limpo, sem nada, nada mesmo. Aí, quando entrei no carro, tinha um colega atrás. Sentei no banco da frente. Eles tavam com pó. Foi só ouvir o barulhinho... bateu a vontade. Era preu ter ido embora na hora, sair logo, mas não. Fiquei e, aí, pronto! Fui ficando com muita vontade. Vontade saindo pelo ladrão. Pronto, basta uma vez e a gente vai ladeira abaixo. Isso é a fissura. Fissura é isso.

João, 29 anos, comerciante, também faz considerações sobre o impedimento para deter uma ação:

eu fazia mil acordos comigo. Dizia que não e não; que num ia mais chegar nem perto; que num ia mais; dizia não mil vezes, mas perdia para a mil e uma. A fissura sabe te pegar.

De modo semelhante, Tiago, 25 anos, estudante de Comunicação e Jornalismo, se detém nesse ponto:

fissura é coisa muito braba; quem diz que vence ela é porque tá curado; num tem como; ela deixa a gente na chibata; eu ficava em frangalhos, morto, acabado de arrependimento; abala demais a confiança duma pessoa; quem não sabe não faz idéia nenhuma do que é.

Pedro situa de maneira contundente a experiência da dependência à cocaína. Ela é de tal ordem que até pela audição faz disparar a conexão causadora da ausência do comando da razão sobre a vontade. João e Tiago explicitam a luta que mantinham consigo e a aguda sensação de derrota frente à impossibilidade de cumprir suas promessas.

Ocorre que essa perda de soberania sobre si tem uma história. Não nasceu com o indivíduo e não teve seu início com o uso da droga. Para pensar essa questão, alguns autores oferecem elementos para uma compreensão. Um deles é o psicanalista britânico Donald Winnicott (1971). Ele tematiza o ato de brincar e o situa como um dos fundamentos constitutivos da socialização de um grupo. Um primeiro destaque está no seu afastamento de uma visão romântica do brincar infantil, pois nele também existe o horror, o assustador e o cruel: crianças também maltratam seus pares. Para o autor, organizar o brincar é um ato de prevenção, de cuidado com a infância, com as gerações. Um segundo ponto é o sentido do envolvimento e compromisso que os cuidados sistemáticos com o brincar produzem. Não há brincar fingido e falso. Todo brincar da criança é verdadeiro. Nele há uma adesão plena, um implicar-se com um afazer em curso. Isso explica o comportamento de resistência da criança para não interrompê-lo. Portanto, no brincar há a imprescindível aprendizagem de modos de obter prazer com o viver. A ausência desse aprendizado gera um vácuo propiciador para o tédio vital.

A recreação é expressão de uma construção coletiva. O descaso com essa atividade gera conseqüências sobre dimensões fundamentais à vida humana. Ela prepara as crianças para a tarefa do viver e, em sendo assim, não constitui apenas uma ocupação de seu tempo livre. Nela, é fundamental o envolvimento em atividades capazes de gerar o aprendizado do exercício do contentamento, do prazer, da sensação de plenitude. A atividade da recreação possibilita essa vivência através da alegria obtida no exercício da visão, da audição, do tato, do olfato e do paladar. Ela fornece referências para a experiência do êxtase e em sua ausência deixaria o futuro jovem vulnerável para

conceber como inauditos possíveis efeitos gerados pela experiência com droga. Nessa situação, ele corre o risco de transformá-la em uma prática sistemática.

A partir dessa perspectiva, a questão da droga é vista como uma forma de fazer acontecer um estado de transcendência. O *modus operandi* para produzi-lo não é biologicamente dado, mas aprendido no interior do grupo ao qual o indivíduo pertence. Portanto, os cuidados ou a inexistência deles com a recreação de crianças e adolescentes geram as condições necessárias para o desenvolvimento de certas orientações no mundo e o tédio, portanto, não é um problema individual, mas coletivo. Melhor dizendo, geracional. Se estatísticas apresentam expressivas curvas ascendentes no consumo de drogas no final do século XX e na primeira década do século XXI, isto significa que, além da sofisticada organização empresarial na produção e distribuição desses produtos, há simultaneamente a produção de sensibilidades para eles.

3 O TÉDIO REVELA O REINO DO ESSENCIAL?

Há um conjunto de outros autores que permite tornar mais complexo o entendimento da experiência do tédio. Albert Camus (1987), por exemplo, faz uma reflexão inscrevendo o tédio como um elemento mobilizador ao invés de paralisador, pois ele impõe exigências ao indivíduo. Não apenas em construir sentido para seu existir, mas em permitir que enxergue sua ausência em atos automatizados. É nesse quadro de entendimento que ele diz: “todo o país onde não me entedio é um país que nada me ensina” (CAMUS, 1987, p. 54). Em outras palavras: experimentar um território estrangeiro como se ali não houvesse algo de novo significa poder tomar consciência de seu *modus vivendi* através da percepção de uma repetição, de uma certeza, de um mesmo.

Além de Camus, há o filósofo romeno Emil Cioran (2001) que também faz surgir outros ângulos no conceito de tédio. Para ele, “foi o tédio que me fez ver o reino do essencial” (CIORAN, 2001, p. 19). Isso significa dizer que a falta aguda de gosto e de interesse revela a imprescindível e insubstituível necessidade humana de engajamento em ações com sentido. O tédio, portanto, é um momento privilegiado e fértil para a construção desse conhecimento.

Bertrand Russell (1930) também aproxima o fenômeno do tédio à dimensão ontológica e seu foco é sobre a monotonia. Isso é estratégico para lhe possibilitar associá-lo à excitação. Para Russell, a rotina é a matéria prima na construção das individualidades. Uma das principais ocupações de uma geração é organizar a vida coletiva de tal modo que seus descendentes possam adquirir disposições permanentes para haver-se com a monotonia. É imprescindível à existência humana a aprendizagem de suportar a rotina que a vida exige. A ausência desse treinamento desenvolve outras

disposições: a indiferenciação, a veleidade e a busca da excitação. Elas são expressões da inabilidade de um coletivo em experimentar e viver a inescapável situação de tédio.

A forma exemplar da indiferenciação é a expressão verbal “tanto faz”. Ela não é apenas um ato de abdicação. É também evidência de um efeito. Tampouco é somente a comunicação do sentimento de inutilidade de uma opção. Ela mostra também uma indisposição para operar uma escolha a qual sempre exige um esforço. A veleidade, ou vontade frouxa, surge em sistemáticas condutas de desistências a atividades anteriormente escolhidas com afã, mas que, posteriormente, em poucas horas, não valem mais a pena e perdem força propositiva. A busca de excitação é o movimento para gerar algo súbito no cotidiano e, com isso, fazer cessar uma monotonia. Para Russell (1930, p. 20), “o oposto de tédio, numa palavra, não é prazer, mas a excitação”.

Esse pensamento de Russel sobre o tédio aparece nas seguintes considerações de André, 26 anos, graduando em Filosofia e, quando entrevistado, estava há 2 anos sem usar qualquer tipo de droga:

Meus pais são professores. Até a alfabetização frequentei uma escola de ensino experimental onde o lema era deixar a criança livre para escolher o que fazer. Eu num tinha obrigação de ir pra escola. Quando eu ia, fazia uma coisa e outra e não me lembro no que eu me concentrava. Como não aprendia a ler e a escrever, meu pai me matriculou num colégio de ensino tradicional. Tive uma dificuldade tremenda pra me adaptar. Não gostava de ficar dentro da sala e não queria fazer as tarefas. Queria fazer o que eu queria. Os quatro anos que passei na outra escola tinha sido assim. Aí, não teve jeito, repeti de novo. Isso complicou porque eu já estava com 8 anos no meio de moleque com 6. Fiquei rebelde com escola durante muito tempo. Aprendi a ler e escrever com muito custo. Hoje, olhando assim, vejo que não fiquei livre, fiquei à deriva; indo de um lado para outro atrás de alguma coisa que nem eu sabia o quê era. Tem que ter uma direção, sim. Ninguém nasce sabendo o quê quer.

O depoimento de André põe em destaque momentos básicos na formação de um indivíduo, mostrando as conseqüências da ausência de afazeres coletivamente organizados que desafiem a inteligência e favoreçam o desenvolvimento dos talentos de uma criança. Além disso, ele estabelece uma identidade entre liberdade e disciplina através da oposição que formula entre ser livre e ficar à deriva. Na segunda situação, o indivíduo coloca-se à mercê de uma estimulação ininterrupta sem recursos cognitivos e materiais para operar uma ação transformadora. Por outro lado, o exercício de ser livre está presente nas tarefas de recreação dirigidas. Elas definem limites e, com isso, permitem um engajamento social que viabiliza a constituição das diversas habilidades humanas.

Quase um século antes de Russel, em 1838, Honoré de Balzac também propôs a conexão entre tédio e busca de excitação em seu livro “Tratado dos excitantes

modernos” (2004). Nele, discute o lugar de determinados excitantes na modernidade e, para tal, escolhe, como produtos exemplares, o chocolate, o café, o tabaco e a aguardente. Através deles, trabalha com a noção de excesso como sendo o elemento que ganhou vulto no Ocidente moderno. Ele trata cada um desses produtos em separado, mas todos estão sob uma mesma advertência: “todo excesso que atinja as mucosas encurta a vida” (BALZAC, 2004, p. 11). Com isso, o autor expõe o perigo do estilo que domina certas atividades diárias da vida moderna: levar ao máximo uma possibilidade de prazer reduz drasticamente a possibilidade de vivê-lo mais vezes.

No capítulo que dedica ao Café, seu foco é mostrar a ineficácia de uma crença entre aqueles que buscam essa substância:

Muitas pessoas atribuem ao café o poder de dar espírito: mas todo o mundo já pôde verificar que os entediados se entediam especialmente após tomá-lo. Enfim, embora as padarias permaneçam abertas até a meia noite em Paris, nem por isso, certos autores se tornam mais espirituosos (BALZAC, 2004, p. 27).

De modo irônico, escreve que o excitante não tem o poder de arrancar ninguém de seu enfado tampouco de transportá-lo ao domínio da criatividade e, em páginas anteriores, propôs diferenciações para a vivência do tédio:

O tédio, entretanto, não pode ser visto como completamente mau. Há dois tipos, um dos quais é fecundo enquanto o outro é estéril. O tipo fecundo surge da ausência de drogas, e o tipo estéril da ausência de atividade vital (BALZAC, 2004, p. 22).

Com um pensamento próximo ao de Camus e Cioran, Balzac utiliza o atributo fecundo para falar que sem o turvamento químico da consciência o tédio opera exigências produtivas ao indivíduo, pois mostra de modo claro que a vida humana requer incessantemente uma produção contínua de seu próprio significado. O mesmo não ocorre quando ele está vinculado à passividade e, por isso, torna-se inútil.

O depoimento de Simão, 27 anos, publicitário, há 4 anos em reabilitação, fornece elementos para entender a distinção que Balzac faz entre tédio fecundo e tédio estéril:

Na época de festas, carnaval, ano novo ou feriados, a gente se juntava e arrumava uma casa de praia pra ficar; levava comida que tudo se estragava porque a gente não tinha coragem de fazer, de tirar das sacolas. Nem entendo hoje o que foi aquilo, uma coisa completamente à toa, a casa ficava toda suja, a gente não ligava mesmo; nem uma pessoa pra faxinar a gente pensava; as comidas eram deixadas lá apodrecendo e a gente ficava direto cheirando, fumando e bebendo; a gente num conversava nada de futuro; aliás, não tinha conversa nenhuma, a gente não conversava nada; num se pode sequer dizer que a gente só falava “H2o”, porque água é um bem precioso. A gente ficava queixando de mesmice o tempo todo e era só para justificar ficar só de droga. Incrível, num é? Achar que numa inutilidade daquela pudesse ter alguma coisa de futuro, de novo, de legal.

Simão relata os extremos da passividade, do desinteresse e do descaso com as condições elementares exigidas pela vida humana: alimentos inutilizados, vida em comum deteriorada e pauperização da comunicação interpessoal. Sobre esse último aspecto, é visível o destaque que faz sobre a ausência da palavra como o centro mediador da convivência. Em seu lugar, a cocaína, o álcool, a maconha e a recorrente sensação de “mesmice”, ou seja, o tédio. Portanto, o consumo dessas substâncias não se dava sob a perspectiva de expandir horizontes, mas tão somente de evadir-se da existência.

4 O TRÁGICO “GOSTO PELO INFINITO”

Mas a ausência de aprendizagem para lidar com o tédio não foi a única via de reflexão para a questão do uso de drogas. Ainda na segunda metade do século XIX, em 1858, o poeta francês e precursor do modernismo Charles Baudelaire publicou “Paraísos Artificiais”. Nesse livro, empreende uma reflexão sobre a situação humana no mundo e situa a opção pelas drogas como um trágico anseio por superá-la. O livro se compõe de três partes e cada uma delas é dedicada a um tipo de droga. A primeira é sobre o haxixe; a segunda trata do ópio e a última relaciona o haxixe com o vinho.

Em nenhum momento, o autor faz uma exaltação ao uso de drogas. Ao contrário, sua ênfase recai sobre a tragédia gerada pelo uso contumaz. Essa providência é o primeiro passo empreendido por Baudelaire que, no capítulo inicial sobre o haxixe, faz uma reflexão densa sobre impulsos vitais humanos promotores da experiência com drogas. Em suas palavras:

Os vícios do homem, tão repletos de horror como supomos, contêm a prova (quando não fosse apenas a infinita expansão deles mesmos!) de seu gosto pelo infinito, acontece que é um gosto que sempre toma o caminho errado (BAUDELAIRE, 1998, p. 13).

“O gosto pelo infinito” é o capítulo em que o autor comunica os princípios que utiliza para pensar sobre o uso de substância que alteram o estado de consciência humana. O título já anuncia o princípio que, segundo ele, comanda a decisão de tal experimento. À semelhança de Bertrand Russell, “o gosto pelo infinito” está associado ao predomínio de reduzidos momentos de elevação e intensidades na experiência cotidiana. Essa disparidade no viver diário humano é objeto mesmo da busca por uma explicação e, frente a isso, Baudelaire pergunta:

Mas o que há de mais extraordinário neste estado excepcional do espírito e dos sentidos, que posso sem exageros chamar de paradisíaco, se o comparo às pesadas trevas da existência comum e cotidiana, é que ele não foi criado por nenhuma causa visível e fácil de ser definida. Seria o resultado de uma boa higiene e de um regime sensato? (BAUDELAIRE, 1998, p. 11).

Ele responde que essa ânsia de êxtase, ou intensidade vital ou estado paradisíaco não pode ser prevista, não é nunca suprida e é constitutiva da ontologia da pessoa humana. Nesse sentido, cita o escritor Bernard Lazare, para quem, o ser humano está sempre tentando “tomar o paraíso de um só golpe” (BAUDELAIRE, 1998, p. 13). É nesse quadro de entendimento que Baudelaire situa o uso de drogas e mostra a ineficácia dessa tentativa:

Este senhor visível da natureza visível (falo do homem) quis, portanto, criar o paraíso pelas drogas, pelas bebidas fermentadas, semelhante a um maníaco que substituiria os móveis sólidos e os jardins verdadeiros por cenários pintados sobre tela e emoldurados. É nesta depravação do sentido do infinito que jaz, na minha opinião, a razão de todos os excessos culposos, desde a embriaguez solitária e concentrada do literato que, obrigado a procurar no ópio o alívio de uma dor física, e tendo desta forma descoberto uma fonte de prazeres mórbidos, fez disto pouco a pouco sua única higiene e como que o sol de sua vida espiritual, até a embriaguez mais repugnante dos suburbanos que, com o cérebro carregado de fogo e glória, rolam ridiculamente nos lixos da rua (BAUDELAIRE, 1998, p. 14).

Portanto, para o autor, tanto um literato reconhecido quanto um anônimo, ao optarem pelas drogas, estão pondo em curso um inviável propósito. Assim, todo o livro está voltado para demonstrar que o uso de substâncias psicoativas é uma aspiração irrealizável, ou, como ele mesmo diz:

a análise dos efeitos misteriosos e dos prazeres mórbidos que estas drogas podem provocar, dos inevitáveis castigos que resultam de seu uso prolongado e, enfim, da própria imortalidade implícita nesta perseguição de um falso ideal, constitui o objeto deste estudo (BAUDELAIRE, 1998, p. 14).

Quando se dedica a examinar o haxixe, seus dados são oriundos de anotações a partir de conversas com “homens inteligentes que se entregaram a esta droga por longo tempo” (BAUDELAIRE, 1998, p. 15). A expressão “homem inteligente” precisa ser entendida em termos de um interlocutor que possui uma primorosa capacidade de síntese no diálogo com o autor. É dessa perspectiva que faz as seguintes considerações sobre o haxixe:

o homem não escapará ao seu temperamento físico e moral: o haxixe será, para as impressões e os pensamentos familiares do homem, um espelho que aumenta, mas um simples espelho (BAUDELAIRE, 1998, p. 23).

O empenho reflexivo de Baudelaire é mostrar que as notícias disseminadas sobre os efeitos obtidos com as drogas são ilusórias. Elas não têm o poder de produzir sensações miraculosas e levar alguém aos píncaros dos píncaros do enlevo. Sua ação está circunscrita ao universo anímico de quem a ingere. Nesse sentido, essa providência

desmistificadora de Baudelaire é de uma atualidade plena, pois os efeitos especiais das drogas, divulgados em variadas publicações, tratam de modo genérico, não levando em conta a história coletiva e particular de cada indivíduo. A análise de Baudelaire, portanto, está na contracorrente. Nesse sentido, se as digitais, a íris, a caligrafia são expressões de uma individualidade, do mesmo modo ao ingerir uma substância, ela irá interagir com estruturas singulares e, conseqüentemente, vai se manifestar de modo particular. Portanto, o efeito não é nunca igual para todos e é por isso que ninguém tem o controle sobre os desdobramentos dessas substâncias no seu organismo. Há indivíduos que não se tornam usuários compulsivos dessas substâncias, mas existem aqueles para quem a vida se torna insuportável com elas e sem elas. Todavia, um ponto central do livro está no fato de que Baudelaire traz para primeiro plano o indivíduo que enfrenta a morosidade e a monotonia evitando, com isso, perder seu bem supremo: a liberdade.

Para abordar o ópio, Baudelaire escolhe discutir diretamente com a obra de Thomas De Quincey, “O comedor de ópio”. Nela, esse autor explicita que começou a consumir ópio para aplacar a fome, ou seja, ao invés de buscar sensações inauditas, tentou deter sensações imperiosas. Atualmente, algo semelhante ocorre entre os cortadores de cana do interior paulista que se tornam usuários contumazes de crack. Esses trabalhadores têm que cortar mais de dez toneladas de cana por dia. O crack, além de ser acessível por causa do preço, tira a fome, aumenta a produção e reduz o cansaço (SANTOS, 2011). É oportuno também destacar que Kurt Cobain, vocalista do grupo de rock Nirvana, falecido por overdose em 1994, declarou que começou a tomar heroína por causa de dores de estômago para as quais nenhuma prescrição médica resolvia (COMFORT, 2010). Esses dados são importantes porque mostram não apenas a complexidade envolvida no consumo de droga, mas também que as explicações oferecidas não se restringem apenas aos motivos da experimentação, da busca de êxtase e da fuga de problemas psicológicos.

Ao discorrer sobre o vinho, Baudelaire reafirma seu pressuposto de base: a opção pelas drogas está relacionada com a busca da experiência da graça, da transcendência, do êxtase. Em seus próprios termos, ele diz:

descreverei com cuidado todos os seus efeitos, pois retomando a pintura das diversas propriedades do vinho, compararei estes dois meios artificiais através do quais o homem, ao exasperar sua personalidade, cria, em si, por assim dizer, uma espécie de divindade (BAUDELAIRE, 1998, p 196).

Desse modo, na segunda-metade do século XIX, através da reflexão de Baudelaire, acontecia um esforço para sistematizar um entendimento sobre aqueles que se lançam à experimentação das drogas. Para o escritor, o fundamento dessa situação é a ânsia pelo bem-estar pleno o qual não acontece diariamente.

Na finalização do livro, essa perspectiva volta a ser estabelecida. Para tanto, ele transcreve a conversa que teve com um teórico de música:

estive com ele em um círculo onde algumas pessoas haviam tomado o veneno bem aventurado e ele me disse com um tom de desprezo indizível: ‘não compreendo porque o homem racional e espiritual serve-se de meios artificiais para alcançar o meio poético, pois o entusiasmo e a vontade bastam para elevá-lo a uma existência supranatural. Os grandes poetas, os filósofos, os profetas são seres que, pelo puro e livre exercício da vontade, alcançam um estado onde são, ao mesmo tempo, causa e efeito, sujeito e objeto, magnetizador e sonâmbulo’. Penso exatamente como ele (BAUDELAIRE, 1998, p. 211).

Com isso, Baudelaire inscreve as atividades da imaginação e da reflexão como instâncias promotoras do êxtase humano. Assim, na medida em que gerações privilegiem objetos tecnológicos, vistos como expressão da excelência da humanidade, símbolo de superioridade e modernidade, em detrimento de artefatos oriundos da atividade artística, da reflexão filosófica e das ciências humanas, a experiência do êxtase será buscada no consumo imediato de bens e serviços que a atual tecnologia põe a disposição, entre eles as drogas. A partir dessa perspectiva, o autor também sinaliza para escolhas que permitem a experiência da não-fragmentação: investir em música de arte, literatura e artes plásticas são recursos que a humanidade possui para enfrentar seu empobrecimento, entorpecimento, insensibilização ou indiferença.

O relato de Paulo ilustra a relação que Baudelaire estabelece entre o uso da droga e a busca de êxtase. À época da entrevista, contava 38 anos e desde os 24 anos alterna processos de recaída e abstinência. Seu mais longo período longe do álcool, da cocaína e da maconha foram dois anos. Naquele momento, estava há 8 meses sem consumir nenhuma delas. É arquiteto, tem um filho adolescente e vivia sozinho em seu próprio apartamento. Ao ser indagado sobre o entendimento que fazia do seu problema disse:

Meu problema mais sério é o álcool. A cocaína e a maconha são apenas auxiliares. Elas refinam o que o álcool me oferece. Minha luta é contra o álcool. Acho que toda a minha vida será essa coisa: não provar uma gota e resistir à tentação enorme para viver aquela leveza sagrada. Tudo começou exatamente porque eu descobri que isso existia mesmo e o álcool me dava. E foi na casa de meus familiares. Nas festas, ficavam restos de bebidas nos copos e nas garrafas. Eu bebia. Era moleque de uns 13 anos. Achava bonito olhar aqueles copos, aquele líquido colorido, aquele ritual das pessoas. Aquilo tinha elegância. Era algo elevado. Quem sabe beber, tem muita classe. Ocorre que quando a gente desce na estação do vício, a coisa é outra. Tem uma coisa degradada e decadente. Infelizmente, num fiquei nas franjas da leveza sagrada. Atravessei a linha.

Paulo mostra uma aguda consciência da situação que se abriu para si a partir da adolescência. Ali, descobriu que havia um recurso com o poder de levá-lo, quando

quisesse, à experiência do êxtase ou “gosto pelo infinito”, definida por ele como a “leveza sagrada”. Além disso, como todas as demais situações de dependência, vem a descobrir de modo tardio que esse recurso artificial contém uma perigosa armadilha e um trágico engano.

5 A DISPARADA E O AMORTECIMENTO DA SENSIBILIDADE

O ideal do infinito e da imortalidade podem ainda vigorar, mas, as reflexões de Nick Tosches (2006) trazem novos elementos para pensar a experiência do século XXI. Trata-se de um jornalista americano nascido no final dos anos 40. Além da atividade jornalística, escreve romances e biografias. Não se coloca como dependente químico, não dá margem ao leitor para essa interpretação e dedica seu relato a um objetivo bem preciso: a busca criteriosa de uma excelência na experiência com o ópio. Com esse objetivo, viaja para Hong Kong em busca de casas de ópio. Essa procura não é fácil e ele elabora uma reflexão política para os motivos da dificuldade em encontrar tais lugares outrora dirigidos por eficientes indivíduos capazes de promover a experiência do ópio em alto nível. Seu foco está em demonstrar que a maioria dos que consomem drogas o fazem de forma automatizada, sem critérios, com substâncias de baixa qualidade e, portanto, produzidas para um consumo de massa.

Para fazer avançar sua análise, Tosches formula duas categorias: “esquecimento” e “disparada” em oposição à busca do êxtase e do desfrutar lento e cerimonioso. Ele desenvolve a idéia de que existe a produção de uma necessidade específica para usar drogas, gerada a partir das condições da Segunda Guerra e da ascensão dos EUA à potência hegemônica. Essa nova situação política produziu outro regime no mundo que dissolveu rapidamente um *modus operandi*, caracterizado por outro ritmo de execução e outra concepção de si e do outro: a preocupação com o refinamento e com o bem feito. Na realidade, a análise de Tosches permite perceber que o apagamento do passado, sinalizado por Hobsbawm (1995) como uma das características mais agudas do século XX, abarca a vida contemporânea por inteiro.

Contudo, além desses elementos, seu relato traz qualidades etnográficas. Nele está presente a prescrição de Barth (2000) para que o trabalho antropológico persiga sempre uma ampliação de escala, ou seja, “é necessário analisar as atitudes e o comportamento de pessoas em seu cotidiano num raio de ação maior que o grupo ou a comunidade” (BARTH, 2000, p. 12). Essas considerações têm outra virtude. Se elas evitam a restrição, o localismo, a pequena escala e, com isso, remetem o pensamento a uma direção mais ampla, elas também procuram evitar a diluição no geral “onde tudo se confunde e na qual as instituições perdem toda a cor local e os documentos seu sabor” (MAUSS, 1974, p. 43).

Em Tosches, isso fica patente, ao mostrar a mudança no foco do cultivo do ópio, ocorrida nos anos 60, sobretudo no contexto da guerra dos Estados Unidos com o Vietnam:

Enquanto o cultivo e o fornecimento de ópio cresciam desmedidamente, a prática de fumar ópio desaparecia. Seu fim foi um uróboro (serpente mítica que devora a si mesma): diminuição da demanda sem nenhum motivo para reavivar ou manter a procura minguante, já que aqueles que poderiam satisfazê-la faturavam muito mais transformando ópio em heroína. A flor do prazer, esmagada e transformada na flor do sofrimento, produzia dez vezes seu valor em ouro, dez vezes mais vício e, assim, exponencialmente, por diante (TOSCHES, 2006, p. 31).

Seu raciocínio explicita o princípio de que a produção faz o consumo. Seu foco é sobre aqueles que detêm os meios de produção e distribuição introduzindo, assim, continuamente novas dinâmicas orientadas para a acumulação de capital. A percepção de um novo nicho de investimento na manufatura da heroína, por exemplo, cria um novo cenário que implica inclusive em novas velocidades e outros processos de dependência. Tosches apresenta uma relação diretamente proporcional entre o lucro e a difusão da dependência: quanto maiores as possibilidades de lucro maiores as chances de um contingente elevado de indivíduos e grupos perder o controle sobre o uso da substância posta em larga escala no mercado. É oportuno destacar a imagem que Tosches aciona para qualificar essa situação: o uróboro. Entre várias interpretações, uma delas se aproxima da situação descrita pelo autor que remete ao mundo infernal; a um consumo tão insaciável que resulta em uma solução destrutiva. Essa noção de indivíduo contém um paradoxo: para realizar-se, arruína a si próprio. Vale a pena ressaltar ainda que, essa imagem do uróboro, aparece sistematicamente em outros objetos da cultura pop como os seriados americanos para televisão Millennium, Arquivo X e Lost. Os três tratam da questão da secularização do mundo e mostram as consequências do processo de racionalização que cega os indivíduos retirando deles a capacidade de percepção de si e do mundo.

Em termos antropológicos, o incremento do individualismo, em suas manifestações onde a indiferença e a aguda sensação de insuficiência e escassez presidem a apreensão de si, põe em risco a própria condição ontológica humana que precisa inexoravelmente desenvolver modos de convivência onde a alteridade seja um de seus princípios. Tosches, ao prosseguir em suas precisas constatações sobre o mercado produtor e distribuidor de drogas, alarga a escala solicitada aos antropólogos por Barth (2000). Desse modo, impede que o leitor deslize em direção ao paroquialismo:

amigos e contatos em todo o mundo me garantiram que o mesmo uróboro havia se manifestado em todos os continentes. Até na Ásia, me disseram, as casas de ópio haviam desaparecido nos últimos vinte anos. Era a mesma história, até na mais corrupta e sem lei das regiões: os velhos fumantes estavam extintos, a garotada queria a disparada para o vácuo, os traficantes queriam que tudo ficasse como estava (TOSCHES, 2006, p. 33).

Ele mostra a constituição de uma nova geração de consumidores de drogas cujo móvel é qualificado como uma “disparada para o vácuo” e, além disso, estão em consonância com os padrões instituídos por aqueles que comandam o mercado desses produtos. Assim, a afirmação de que usar drogas é ser crítico ao sistema torna-se questionável. Consome-se o que está disponível e isso é definido por aqueles que controlam esse negócio. Usá-las, então, está em consonância com o movimento do capitalismo e de sua atual orientação definida como pós-modernidade que, no Brasil, tem nos Estados Unidos seu modelo.

A reflexão de Tosches, portanto, toca no processo de globalização em curso e, nesse sentido, “A Última Casa de Ópio” aponta para o espírito de uma época. O movimento que ele descreve de constituição de individualidades receptivas a um tipo de experiência não se restringe à Europa, aos Estados Unidos ou à América Latina, ele se difundiu no mundo todo. Na realidade, a escrita de Tosches se move num ataque ao processo de massificação sobre o qual não apenas o Ocidente, mas o Oriente mergulhou. Ele emprega a categoria “pseudoconhecimento” para, através dela, atacar a desvalorização de um fazer e de um saber acumulados ao longo de um tempo, e, além disso, mostrar que essa depreciação produz indivíduos apressados, egocentrados e preocupados apenas em usar, usufruir, desfrutar. É, a partir dessa perspectiva, que ele diferencia formas distintas de ocorrência da dependência química e demonstra que a massificação faz aparecer dependentes em uma velocidade muito maior.

Em contraste com esse panorama, ele mostra a extinção de uma disposição na qual o trabalho de construção de si exigia valores como o fazer bem feito. É desse lugar que afirma:

Eu nasci para fumar ópio. Não me entendam mal: sou contra as drogas...”. “Drogas matam”. “Mais exatamente, nasci para fumar ópio numa casa de ópio. (TOSCHES, 2000, p. 17).

Em outras palavras: vim de uma geração onde a experiência obtida através de um conjunto de atos cuidadosamente executados tinha valor e foram neles que me constitui.

Para abordar distintas disposições para a experiência com drogas, ele mostra a complexidade de conhecimentos necessários ao funcionamento de uma casa de ópio. Nelas não há lugar para o amadorismo, o improvisado, as atitudes de ligeireza. Não é para qualquer um. Exige um treinamento:

Mas é impossível fumar ópio em um cachimbo de tabaco, uma vez que o ópio não queima e nem se converte em fumaça. Em vez disso, ele é sublimado em vapor mediante uma química bastante diferente da de qualquer outro processo de defumação. O processo, ou arte, dessa química, embora bastante simples quando dominado re-

quer muitas coisas: a combinação precisa entre o óleo adequado para a lamparina, o seu formato e o seu bocal, e o pavio, de fibra apropriada e cortada na medida certa; habilidade ao empregar a fina haste para aquecer, girar e sovar o ópio – isso sem falar na demorada preparação prévia da droga – antes de sua inserção no pequeno orifício do bojo, o dissipador, do cachimbo; a distância e o ângulo de inclinação, manipulados com precisão, do bojo do cachimbo sobre a chama da lâmpada. Tudo isso é fundamental para manter o grau exato do calor latente necessário para converter o ópio em vapor (TOSCHES, 2006, p. 21).

Nessa descrição, Tosches informa ao leitor a variedade de atos obrigatórios para realizar a experiência com o ópio. Ao longo de todo o livro, esse relato funciona como um pano de fundo para o autor apresentar a mentalidade que preside o consumo atual de drogas e, com isso, mostrar as condições de produção de individualidades vulneráveis ao uso compulsivo:

Essas drogas oferecem esquecimento, não eterealidade, uma disparada em direção ao vácuo em vez de uma lenta flutuação em direção à deleitosa serenidade. Os mais jovens – cada vez mais alheios à prática de fumar ópio, à medida que sua presença diminuía ou conhecendo-a somente na forma cada vez mais impura que o consórcio judaico-cristão proporcionava; cada vez mais alheios, talvez à própria possibilidade de serenidade, ou aos atrativos de qualquer tipo de flutuação lenta – eram facilmente seduzidos pelo esquecimento e pela disparada visceral. Eles não queriam uma cerimônia prolongada, um ritual; queriam a disparada. (TOSCHES, 2006, p. 31).

Ao esclarecer esse ponto, sinaliza para as principais transformações políticas, culturais e sociais do pós-guerra. Com isso, faz surgir a presença de um *zeitgeist* ou *genius seculi* (o espírito guardião do tempo) e, conseqüentemente, aponta para a produção atual de um tipo de sensibilidade receptiva ao estímulo das drogas.

Através dessas considerações sobre a casa de ópio, Tosches compara o usuário da efusão do ópio com o consumidor de heroína e anfetaminas. Ele escreve sobre a mudança na experiência do tempo mostrando que atualmente a juventude é disciplinada para a “disparada” e para o “esquecimento”. Por esses dois termos, o autor traduz um tipo de experiência cultivada pelo nosso tempo: o hedonismo e a indiferença. O primeiro marcado pela eleição do prazer como objetivo central na vida e o segundo pela escolha em desobrigar-se da atenção, do interesse e da proximidade na interação com o outro.

Essa reflexão de Tosches está presente nas considerações de Isac, 27 anos, casado e com uma filhinha de 6 meses. Morava com o sogro, fazia um curso para ser técnico em informática, estava há 2 anos sem nenhuma recaída e freqüentava regularmente os Narcóticos Anônimos. Contou que experimentou maconha com 13 anos e a partir daí passou a fumar com regularidade. Aos 17 anos, começou a usar a

cocaína e a beber muito. Sua preferência, porém, eram dois remédios comprados em farmácias: um xarope e um psicotrópico. Sobre isso, falou:

eu gostava demais desse xarope porque dava muito ânimo em mim; eu ficava a cem km por hora. Muito melhor que a cocaína. Além disso, mais simples de comprar. Sem traficante nem nada. O psicotrópico também dava um barato fenomenal, mas era mais complicado de comprar. Agora, como o xarope não tinha! Eu me sentia livre. Bastava a grana, descia, ia na farmácia e pronto! Bebia e saía para a rua. Gostava demais desses prédios que tem essas grades. Eu passava com um bastão e ia arrastando. O som e as formas dava efeitos maravilhosos. Parecia que ia recortando as grades. Eu me amarrava também porque ficava nem aí com nada nem com ninguém.

As razões de Isac não são o autoconhecimento nem a expansão da consciência. Ele buscava intensos efeitos prazerosos que agissem não apenas em sua percepção, mas, sobretudo, em sua motricidade. Além disso, o alheamento dos acontecimentos ao seu redor era outra fonte de prazer visado.

6 CONCLUSÃO

Atualmente, há um convite contínuo ao prazer. As grandes cidades estão sempre iluminadas, com bares, restaurantes, shows, enfim, um conjunto de situações para o entretenimento. As experiências de tristeza, angústia e ansiedade são vistas como sintomas de alguma inadequação individual. O problema estaria em um indivíduo específico e não no coletivo. Desse modo, atualmente, a prescrição é para se estar sempre sorridente, “de bem com a vida”. A impossibilidade em atender a essa ordem conduz a intermitente percepção de si em “vexatória insuficiência” (Monti, 2009).

Se em Baudelaire é o ideal de infinito e êxtase, que também se encontra na busca das casas de ópio por Tosches, os tempos atuais apontam para outro comando cultural: a fuga de um sentimento de insuficiência. Ele está inscrito em uma ideologia que sustenta a economia capitalista: o individualismo. Sua nota básica é a concepção da preeminência do indivíduo sobre o social. Isto quer dizer: o valor distintivo é a autossuficiência. Todo o investimento na socialização de uma criança é fazê-la constituir-se como alguém que precisa se apreender como bastando a si mesmo (Dumont, 1985). Nesse sentido, a ênfase recai sobre o indivíduo empreendedor, ousado, criativo, independente e orientado por uma competitividade triunfante.

Além do que e, sobretudo, essa ideologia está atualizada sob uma orientação cultural definida como pós-modernidade que tem entre seus sinais diacríticos a questão da fragmentação a qual gera um entendimento e uma sensação de não ser parte de um todo. Isso acentua o impedimento para que o indivíduo perceba que suas definições sobre si próprio são, antes de tudo, produtos das propriedades desse todo.

Contudo, essas determinações para a autossuficiência deixam o indivíduo vulnerável ao temor de que lhe passem à frente ou de não ser alguém a altura de fazer parte desse jogo. É esse o sentido do conceito de “insuficiência vexaminosa”, cunhado por Monti (2009). Através dele, o autor fornece um quadro de entendimento para indivíduos que vivem na/da crença de que suas capacidades são escassas, reduzidas, insuficientes. Vexaminoso é um modo de definir a tonalidade afetiva da experiência da vergonha. Enquanto a culpa é ver-se sem remissão por falta cometida, a vergonha é perceber-se sendo visto pelo outro no momento em que infringe convenções. A insuficiência vexaminosa (Monti, 2009), portanto, é o sentimento de que suas limitações são objeto de percepção dos outros e isso deixa o indivíduo em agudo tormento pela desvantagem em que acredita estar enredado.

Nesse contexto, a oferta da droga se constitui em um perigo. Ela pode se transformar em um recurso para controlar o profundo desconforto íntimo oriundo de um impedimento para cumprir o comando social para a autossuficiência. Por um breve e intenso momento de prazer, ela faz cessar esse mal-estar e constrói uma trágica e ilusória solução. Tal evento, somado ao tipo de substância consumida, a forma como o organismo a metaboliza e o seu uso continuado geram as condições de possibilidade da dependência.

Se Lévi-Strauss (1987) afirma não ser o homem que vive dos mitos, mas os mitos que se alimentam dos homens, pode-se dizer que não são os indivíduos que vivem da crença na escassez, mas que essa crença se nutre deles, alimenta rentáveis negócios e os guia a um consumo sistemático de drogas. Desse modo, a experiência contemporânea conduz uma dinâmica social na qual a ênfase frenética sobre o individualismo está empobrecendo a vida coletiva e fazendo expandir em larga escala o uso de substâncias psicoativas.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hanna – A vida do espírito: o pensar, o querer e o julgar. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, 4º edição.
- BALZAC, Honoré de. Tratado dos excitantes modernos. São Paulo: Landy Editora, 2004.
- BARTH, Fredrik. “A análise da cultura nas sociedades complexas”. In: LASK, Tomke (org.). O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BAUDELAIRE, Charles. Paraísos Artificiais. Porto Alegre: L&PM, 1998
- CAMUS, Albert. Aveso e Direito. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- CIORAM, Emil. Entrevistas com Sylvie Jaudeau. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.
- COMFORT, David. O livro dos mortos do rock: revelações sobre a vida e a morte de sete lendas do Rock'n'roll. São Paulo: Aleph, 2010.

DUMONT, Louis. O Individualismo: uma perspectiva antropológica da idade moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

HOBBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. Campinas: Papirus, 1987.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974

MONTI, Mario Rossi. Contrato Narcisista e clínica do vazio. Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v.11, n.2, 2008, p.239-253.

RUSSELL, Bertrand. The Conquest of Happiness. London: Allen & Unwin, 1930.

SANTOS, Ricardo. Em SP, cortadores de cana usam crack para aumentar a produção. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/em-sp-cortadores-de-cana-usam-crack-para-aumentar-a-producao.html> Acessado: 30/9/2011

TOSCHES, Nick. A Última Casa de Ópio. São Paulo: Ed. Conrad, 2006.

WEXLER, Haskell & LANDAU, Saul – Brazil: A report on torture (1971). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yFfD4f-lg8w&feature=related> Acessado: 12/01/2012.

WINNICOT, Donald. Playing and Reality. London: Tavistock, 1971.

WISNIK, José Miguel. Iluminações Profanas (poetas, profetas e drogados). In: Novaes, Aauto. O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.